

“Le parole che un giorno mi dovranno guidare”
“As palavras que me deverão guiar um dia”

Estratto in lingua originale: da pag.73 a pag. 84.

XVI

Trabalhar na sucata aproximou-me muito da rapariga; às vezes, o calor era tão insuportável que tinha de fazer uma pausa e procurar uma sombra. O trabalho era duro, de grande exigência física. Despia o fato-macaco azul e ficava de calções sentado debaixo do limoeiro onde tinha sempre uma garrafa com água para me refrescar. Uma tarde ela chamou-me da porta e a seguir entrou. Dirigi-me para a casa e entrei também mandou-me sentar e trouxe-me um copo com água, depois estendeu-me uma metade de limão para que eu a provasse. O sofá era velho e estava revestido de um tecido florido, rasgado e sujo; sentou-se à minha frente num banco baixo, na posição costumeira que a fazia ficar com os joelhos encostados ao queixo, o vestido caído sobre os pés, os braços magros e compridos a tocarem os calcanhares. *Estás a olhar?*, interrogou-me. *Tenho as cuecas lassas*, acrescentou. Não tinha sequer dado conta de que lhe tinha olhado para as cuecas mas, se ela o dizia, eu, pelo silêncio, admiti a minha fraqueza.

Chupeei a metade do limão como se sorvesse o mundo, mas ela ensinou-me que o importante era estalar as bolsas de sumo do fruto mordiscando-as. Foi isso que fiz. A acidez queimou-me a língua e as paredes da boca, a principio, mas depois o sabor já me parecia agradável. *Então?*, perguntou ela, como se soubesse a resposta. Abstive-me de dizer fosse o que fosse e estalei os lábios várias vezes demonstrando a minha habituação ao paladar do fruto.

Ela meteu as mãos por baixo das pernas, despiu as cuecas e atirou-as para um canto. *Fazem-me impressão assim lassas; é o mesmo que não ter nada*, disse. *Agora não tens nada*, acrescentei, confuso. *Tenho a cona*, esclareceu, e a frase deixou-me tão perturbado que dei uma forte dentada no limão fazendo o sumo do fruto escorrer pelos lábios e pingar-me do queixo. Nunca me tinha passado pela cabeça ouvir uma rapariga dizer uma palavra assim, e muito menos aquela. Ela riu-se, levantou-se e pôs-se de joelhos ao meu lado. Aproximou o rosto do meu e sorveu o sumo do limão do meu queixo, primeiro, e dos lábios depois. Tirou-me a metade do fruto da mão e soltou-lhe um gomo, mastigando-o; roçou os lábios nos meus, abriu a boca e senti-lhe a língua acida e quente procurando a minha. Subiu para o sofá, sentou-se sobre os meus calções e esfregou-se neles até os baixar e sorver no seu corpo o meu pénis endurecido.

Eu tinha o resto do limão atrás das costas e quis levantar-me. Ela empurrou-me pelos ombros e voltei a cair sobre o sofá. Ergui-me, puxei os calções e olhei em redor. Era como se quisesse afastar a visão do corpo dela, branco e magro, de ossatura saliente, pontuado de sardas no peito e nos seio pequenos, quase só uma auréola, e do púbis saliente oferecido numa penugem loira.

Entreguei-lhe o vestido que ela amassou e colocou ao pé de si. *Vem cá*, disse. Eu ignorei o chamamento, mas também não sabia bem para onde ir. Perpassava uma luz suave pelo tule e cortina suja e adivinhei que a tarde se esvaía. Fui buscar uma caneca e enchi-a com água da torneira. Bebi sôfrego como se quisesse limpar o sabor áspero do limão ou o gosto da pele dela na minha boca. Estendeu-me o braço a pedir água, levou a caneca à boca e, depois de um gole, perguntou-me se a amava. Desviei o olhar. *Podes dizer a verdade*, adiantou. Podia, claro, mas que verdade? *Amas-me?*, insistia ela, esticando uma perna enquanto arqueava o pé na minha direcção; interrogava-me sobre o que era o amor. «*Uma vaca parada no meio do prado, na Primavera, e o touro que se levantava nas patas para montá-la*», tinha lido uma vez. Mas a definição não me convinha por nada deste mundo. Havia um sentimento confuso

de mistério e culpa de conformação ao instinto mas também um sentimento de entrega filial; mais uma vez a linguagem fazia-me claudicar.

Vindo de fora, eu ouvia o som do martelo nas chapas, consistente e vivo. Um resto de sémen manchara-me os calções e ela riu-se ao perceber o meu incómodo. Ao rir-se alteou as costas e arqueou o peito, tornando os seios ainda mais pequenos.

Sabes, em todos os rapazes eu veio o meu irmão, deu-me a saber. Só tens irmãs, disse-lhe. Pois, o irmão que não tive e que o meu pai e a minha mãe queriam, esclareceu, e que a fez morrer.

Enfiei a camisa que tinha pendurado na maçaneta da porta mesmo sem a desabotoar. Ela levantou-se, pôs o vestido e rumou à cozinha. As cuecas estavam caídas junto a um móvel velho ao qual faltava já um pé. Ela voltou com uma metade de limão recém cortada, baixou-se, pegou nas cuecas e atirou-mas. *São para ti; é uma recordação.* Amassei-as na mão direita e saí. Ao atravessar o quintal, ouvi a batida do martelo e, ao cruzar o portão, vislumbrei-a encostada à ombreira da porta como se tudo lhe fosse indiferente.

Escondi as cuecas numa pequena estante por detrás de dois volumes do *D.Quixote*, uma encadernação ilustrada da *Divina Comédia*, uns *Lusíadas* em edição escolar e um livro grosso que tinha escrito na lombada *Bíblia Pastoral*. Devido a esta designação, suspeitei, bem ou mal, durante muito tempo, que dentro deste livro havia ovelhas e cordeiros.

XVII

Frege, de nome próprio Friedrich, ter-se-á admirado com o poder da linguagem, que, com poucas sílabas, desdobradas ou não em fonemas, consegue exprimir pensamentos simples ou profundos, sentimentos, estados de alma, paradoxos da mente; Frege, que viveu na Alemanha e morreu na década de vinte do século passado- ou seja, já tinha assistido à primeira Guerra Mundial com o seu apocalipse de dor e mortandade- , sonhou com uma linguagem limpa de subjectivismos universal, despida de conotações e *nuances* culturais; uma linguagem de paz em que todos nos entedêssemos quando disséssemos cada palavra. No fundo, o que estava em causa era, ainda, o complexo de Babel, a imperscrutável cidade que leva os homens à loucura por no se entenderem em tantas línguas.

Quando dizemos *cão* , sabemos do que falamos, esse animal doméstico de quatro patas, flocinho e cauda; mas, quando chamamos *cão* a alguém, já não é o animal que queremos significar na sua moldura física, mas todo um conjunto de qualidades que têm a ver com o que é depreciativo, pois o animal, como sabemos, é cheio de virtudes. Na China, chamar *rato* a alguém, é um elogio, noutras culturas, como a nossa, um insulto. De qualquer forma, *cão* e *rato* têm uma sonoridade forte e feia, o que não acontece com *estrei, luz, gato, madrugada, amor*.

Döblin, o autor de *Berlim Alexanderplatz*, escreveu que a língua nos permite saber porque estamos juntos. «Podemos fazer quase tudo sozinhos», afirmava, «mas precisamos dos outros para falar e receber o reflexo do que dizemos». Há palavras na língua alemã que, no contexto do holocausto, se tornaram palavras de dor e morte; ainda hoje provocam calafrios a muitas das suas vítimas. Sim, porque as palavras também têm vítimas.

Não estou certo de que uma linguagem *fregeniana* me servisse para vos transmitir o que me ia na cabeça e como se instalara um emaranhado confuso de sensações no meu atormentado espírito. Quem me dera poder ter uma conversa com o Américo, com o Neca, ou com o rapaz do lenço ao pescoço! Sempre acreditei nestas formulas simples do tipo *conversa-se e pronto-quer dizer*, lavam-se as almas nas experiências e nos sentimentos de uns e outros e, sem trocarmos sequer um olhar, estamos numa espécie de confessionário ou de divã de psicanalista e somos todos pecadores e analisados. Restava-me o Amadeu, é certo, com as suas teses judaico-cristãs, carregadas de pecado, culpa e determinismo mortal; sem o saber, o Amadeu concebia-me como um espécime exemplar de ser-para-a-morte, um parvo sempre colado à mulher da foice, essa espartana feita só de esqueleto, capaz de nos decepar os

corpos e as almas a todo instante, mesmo que nos pregássemos à cruz e admitíssemos ter violado todos os mandamentos.

Fiz um esquema no caderninho, um roteiro pontilhado de palavras soltas que fui unindo umas as outras para perceber se havia um sentido entre as feridas. Anotei frases, recortei desenhos e imagens de revistas e jornais, coleí fios tirados das cuecas da rapariga dos limões, enfim, um amontoado de coisas capazes de demonstrar estados de alma nos quais me pudesse rever. Cada folha era um caos, uma amálgama de explosões dos sentidos; no fundo, faltava-me organizar tudo aquilo. Numa das páginas tinha colado uma foto de um riacho correndo sinuoso entre as margens, galgando pedras e troncos de árvores, arrastando folhas outonais- e, de todas, era a única que me dava alguma calma. Mas, nos momentos tristes que vivíamos, às vezes já não era o riacho que eu via, mas um aquário redondo no qual dois peixinhos vermelhos nadavam em círculo até ficarem doidos e se porem de barriga para cima a boiar.

Parecia o protagonista de *Uma Agulha no Palheiro*, título que era uma tradução de um poema de Robert Burns: *The Catcher in the Rye*. No romance, um tal Holden Caulfield é expulso da universidade por ter reprovado e não tem coragem de voltar para casa; durante dias vagueia por vários sítios, enfrenta a solidão e a indiferença do mundo e vai-se confrontando com tipos que odeia, uns atrás dos outros, até chegar a um imenso asco pela humanidade. Lemos e sentimos que o rapaz está a crescer, mas mal. Resta-lhe uma irmã, sinónimo de ingenuidade e pureza, e acabam os dois, ela a andar num carrossel e ele a vê-la divertir-se e a pensar «*Oh, meu deus, como eu desejava estar junto dela*».

Durante a leitura fui encontrando conforto na solidão e na confusão de Holden Caulfield, mas no final eu estava só: para mim não havia infância a que regressar, não havia irmã que me levasse até esse mundo mágico em que ainda se pode acreditar em tudo.

Com frequência via-me diante da rapariga dos limões, os calções com a mancha de sémen como uma marca de passagem à outra idade que eu não queria ter e ela a olhar-me com um sorriso de malícia e a estender-me o pé arqueado como se fizesse um acrobático número de circo diante do meu olhar admirado. A pedido da São, fui a casa da dona Vitória a levar uma braçada de chá príncipe e ela olhou-me de uma forma diferente; senti, por instantes, os seus olhos nos meus. Perguntou-me se estava doente, se me doía alguma coisa; disse-lhe que *não*, que eram só *umas coisas*, ao que ela retorquiu *coisas?*, e eu respondi, *de homens*. Desta vez a dona Vitória não me deu umas moedas para guloseimas e perguntou-me se podia ir lá a casa no dia seguinte para ajudar a mudar um móvel. Disse-lhe que sim e, ao contrário do habitual, em vez de entrar fui-me embora.

XVIII

Naquela tarde, quando vim da oficina da sucata, deveria trepar à árvore e deixar-me lá ficar na paz dos ramos e das folhas. Olhei o tronco, as ramagens e a copa lá em cima e não fui capaz. A árvore parecia-me agora demasiado grande, como uma fortaleza de muralhas altaneiras para um guerreiro minúsculo. Vi, junto ao passeio do outro lado da rua, a Aninhas a falar com o Américo e a rirem alto. Ele tinha um blusão de cabedal preto com fecho de correr e umas calças muito justas. Já em casa, hesitei entre pegar na *Bíblia Pastoral* ou na *Divina Comédia*, dois dos volumes que ocultavam a peça íntima da rapariga dos limões; optei pelo segundo. No canto primeiro do *Inferno*, Dante confessa que a meio do caminho da sua vida se achou «*numa selva tenebrosa*» por ter perdido o rumo certo. Pois assim estava eu. Talvez me fizesse melhor ter pegado na história do bravo cavaleiro da Mancha e do seu fiel escudeiro, que tanto me fazia ris. Mas, na obra do florentino, lá estava a melhor descrição para o que se passava dentro de mim: «*No ar sem estrelas ressoavam suspiros, prantos e gemidos fundos que de início o pranto me causaram. Línguas diversas, blasfémias horrorosas, palavras doloridas, inflexões iradas, vozes fortes e roucas*», cenário a que se juntava um tumulto de mãos batendo e a areia em turbilhão; em suma, eu estava no inferno.

No dia seguinte fui a casa da dona Vitória mudar o móvel. Ela recebeu-me com um sorriso largo e disse-me que andava há muito tempo a tentar que o marido arrastasse o armário do sítio, ma sele nunca permanecia em casa o tempo suficiente para a ajudar. Naquela altura lá estava ele no final da linha da ferrovia a acrescentar sulipas e carris à estrada de ferro, a encurtar distâncias entre mundos mas, espantosamente, sempre cada vez mais longe de casa.

Não era tarefa difícil pôr o móvel do outro lado da sala, mas eu levava uma tira de aço com duas rodas que usava na sucata para arrastar materiais mais pesados; o meu receio era de que a peça, com as suas portas e gavetas, se desfizesse durante a deslocação, pois já não se encontrava em bom estado. *Tem mais de cem anos*, dizia a dona Vitória e acrescentava, *o dobro da minha idade, coitado*. Eu achava que a dona Vitória, com cinquenta anos ainda era uma mulher bonita; tinha os dentes brancos e um pescoço alto e distinto, embora fosse de baixa estatura. Usava uns óculos que na altura estavam na moda entre as raparigas. O que lhe dava um ar mais jovem. Naquele dia tinha uma saia verde quatro dedos acima dos joelhos e uma blusa da mesma cor cujo tecido permitia antever dois seios redondos e volumosos, que eram, entre os adolescentes do bairro, a imagem de marca da mulher do ferroviário. As mamas da dona Vitória tinham um impacto muito superior ao que ela imaginava mesmo quando se permitia decotes mais ousados.

Posto o móvel no sítio, a dona Vitória ofereceu-me, para meu espanto, uma cerveja e uma sandes que compensasse o meu esforço e suor. *Já és um homem, cai-te bem uma cervejinha fresca*, disse-me ela. Falámos do seu falecido hóspede, pobre moço, tão feliz no *NSU* e afinal tão infeliz sabia-se lá em quê. Ela confidenciou-me que o Neca tinha matado com uma rajada de *G3* um atirador inimigo e que só depois, perto do corpo já sem vida, constataria tratar-se de um miúdo com treze ou catorze anos. O rapaz andava devastado, dizia a dona Vitória; não dormia, bebia cervejas o dia todo, chorava pelos cantos, fechava-se no quarto. *Pobre Neca, tão jovem*, disse-me ela, sentada a meu lado à mesa da cozinha, e perguntou-me se queria outra cerveja colocando a mão sobre a minha perna. Sim, porque não, se a tristeza do Neca invadia e irmanava? Bebi pela garrafa e ela pediu-me para dar uns goles, e, com o meu assentimento, levou o gargalo varias vezes à boca; passámos a garrafa da mão de um para a do outro, como dois adultos e já nos riamos deste e daquele vizinho e das situações da rua. O banco repuxara a saia da dona Vitória e as suas pernas eram agora uma visão a que eu não me furtava. Nunca percebemos como se abre uma porta mas damos conta de que a atravessamos quando já estamos do outro lado; no caso, não me perguntem como, dei comigo a beijar a boca da dona Vitória e a circundar-lhe os seios com uma das mãos enquanto a outra já se perdia por caminhos que a sua saia deixava percorrer. A garrafa de cerveja tombou e rolou da mesa em direcção ao chão, mas não se partiu. Tinha a blusa aberta, o *soutien* solto, as saia embrulhada na cintura e o corpo sobre a mesa da cozinha; assim esquecia eu, nos devaneios do amor, os limbos por onde andava perdida a minha alma; deus sabe como desfrutei da sua nudez e da sua carne até me sentir desfalecer e ficar leve, como se planasse, qual papagaio de papel idêntico aos que eu soltava em criança; rodopiavam num bailado de cor contra o céu limpo, muito azul, retorcendo uma cauda colorida de argolas entrelaçadas, coladas com uma pasta feita de farinha e água numa junção de papel vegetal e de lustro. Assim era a ardência carnal que nos uniu, a mim e à dona Vitória, naquela tarde quente de Maio, numa troca de suor e saliva, de odores e fluidos, penetráveis como a areia em turbilhão do inferno dantesco, mas agora sem dor e sem lástimas, só ais de prazer e inconfessáveis palavras que me reservo de vos revelar.